ВЕЛИКОТЪРНОВСКИ УНИВЕРСИТЕТ „СВ. СВ. КИРИЛ И МЕТОДИЙ“

ФИЛОЛОГИЧЕСКИ ФАКУЛТЕТ

VI МЕЖДУНАРОДЕН СТУДЕНТСКИ И УЧЕНИЧЕСКИ КОНКУРС ПО ПРЕВОД
„ТРАНСФОРМАЦИИ 2021“

ПОРТУГАЛСКИ ЕЗИК – рубрика „Поезия“

PENSÃO FAMILIAR
Manuel Bandeira
Petrópolis, 1925

Jardim de pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis
amarelo!
resistem.
E as dálias, rechonchudas, plebéias, dominicais.

Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
- É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

ПОРТУГАЛСКИ ЕЗИК – рубрика „Проза“

1.
NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO

Ana Margarida de Carvalho

O pai fora muito avisado antes de se juntar a esta mulher, que na aldeia tomavam por aérea, quando, na verdade, era toda ela fluvial. Que nunca tinha os pés no chão, nem sequer bonita, aquele cabelo negro que descia pela testa ausente e quase se indistinguia das sobrancelhas. Chamavam-lhe louca, faziam pouco dela, quando, absorta, se detinha a olhar para coisas triviais, quotidianos banais do campo, ficava estática de puro deleite a observar o nascimento de pinto a debicar por dentro do ovo, envolvido em babas gelatinosas, ou a aflição dos galhos quando lhes dava o vento, ou um pedaço de madeira encurralado, a ir ao fundo e a regressar à superfície na teimosia insana de não se deixar naufragar, no turbilhão das quedas de água... Não era distracção, como diziam os maledicentes, era exactamente o oposto, excesso de concentração. Por isso, sustinha-se no movimento ordeiro da fila de formigas que carregavam uma cauda de lagarto ainda a retorcer-se, ou ficava parada, quase solenemente a escutar os ruídos da floresta, o coro dos pássaros, o ciciar das cigarras, os sussurros dos ventos entre as fragas, e os chocalhos das vacas que ela levava a pastar, como se assistisse à leitura do missal romano. Fazia a ligação dos sons, encontrava harmonias, entoava melodias. Imolava-se dentro de si. Deslumbrava-se com vulgaridades. Apanhavam-na a rir sozinha, ou na mais profunda consternação. E chamavam-lhe Brízida desabrida, porque andava de melenas caídas, sem cuidar de acomodar convenientemente os cabelos negros num rolo alinhado no topo da cabeça, porque costurava as roupas de forma extravagante, remendada, desleixada, indiferente aos costumes das outras moças, porque se punha de parte nos bailaricos e não sabia dançar.

2.
OS PESCADORES

Raul Brandão

LUZ E COR

O mar às vezes parece um véu diáfano, outras – pó verde. Às vezes é dum azul transparente, outras – cobalto. Ou não tem consistência e é céu, ou é confusão e cólera. De manhã desvanece-se, de tarde sonha. E há dias de nevoeiro em que ele é extraordinário, quando a névoa espessa a pouco e pouco se adelgaça e surge atrás da última cortina vaporosa todo verde, dum verde que apetece respirar.

Diferentes verdes bóiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quase negros, misturados com restos de onda que se desfaz e redemoinha até ao longe. E ainda outros azulados, com a cor das podridões. Tudo isto graduado e dependendo do céu, da hora e das marés. Há momentos em que me julgo metido dentro duma esmeralda e depois, numa jóia esplêndida, dum azul único que se incendeia. Mas a luz morre, e a luz agonizando exala-se como um perfume. É uma grande flor que desfalece. O doirado não é simplesmente doirado, nem o verde simplesmente verde: possuem uma alma delicada e extática.

AVES

Ao fim da tarde, sento-me no paredão do farolim. O mar calmo, a costa perdida em bruma violeta e o cabedelo entre o rio azul e o mar azul. Atrás de mim acende-se o farol, e na areia um bando de gaivotas aninhadas grasna baixinho.
A felicidade é aquilo.

FOZ DO DOURO

Chegam os dias de Inverno, e aquela voz colérica, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. É um rebramir que acaba sempre na mesma nota profunda – u-u-u – que entra pela terra e pelas almas dentro. Andam enrodilhados no ar farrapos de nuvens e espuma, que o vento cospe para o alto. Céu desordenado e negro como as águas.